

# A educação das mulheres da elite paulista

## Elos de uma Corrente Seguidos de Novos Elos.

RODRIGO OCTÁVIO, Laura Oliveira.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, 313 p.

*Elos de uma Corrente Seguidos de Novos Elos* é um livro de memórias cuja primeira edição foi publicada em 1974, quando Laura Rodrigo Octávio completava 80 anos de idade. A segunda edição, aumentada de "novos elos", foi editada em 1994, ano em que a autora comemorou cem anos de vida.

Filha do segundo casamento de Amélia Sabino (ex-Pederneiras) com Numa de Oliveira, acompanhou nos anos de infância e de juventude a consolidação da fortuna da família. O pai, sete anos mais velho que a mãe, foi professor no Rio de Janeiro, tornando-se anos mais tarde um dos organizadores do serviço de taquigrafia do Congresso em São Paulo, fazendeiro de café na região de Araraquara e presidente do Banco de Comércio e Indústria de São Paulo.

Pôde, assim, usufruir de uma vida de moça rica. Recebeu uma educação diferenciada, viajou muito, frequentou teatros, cinemas, salões, clubes, relacionando-se com algumas das mais importantes famílias de elite de São Paulo e do Rio de Janeiro. Casou-se, aos 21 anos, com um primo, o jurista Rodrigo Octávio.

Até o casamento, dona Laura morou em São Paulo, acompanhando o processo de urbanização da cidade, intensamente incrementado, nesse início de século XX, pela diversificação econômica proporcionada pelos lucros com o café. Em 1917, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde teve os filhos, foi presidente da Pro Matre e vive até hoje.

Escritas na primeira pessoa, em partes, aos poucos e no decorrer de muitos anos (entre 1961 e 1993), as lembranças dizem respeito sobretudo aos anos de juventude e à cidade de São Paulo. Afloram ora numa ordem quase cronológica, linear, outras vezes tópica, quando então um assunto puxa o outro - as famílias Sabino, Pederneiras, Rodrigo Octávio, a moradia e o espaço da casa, as relações familiares e sociais, as professoras, a escola, o namoro, o noivado e o casamento, a moda, as festas, o carnaval, as viagens, o *football*, a vida cultural em São Paulo,

o Triângulo e suas lojas, a abertura de novos bairros, os Jardins, a Avenida Paulista...

Foram concebidas inicialmente como uma espécie de inventário privado sobre a família - aquilo que deveria ser lembrado pelos pósteros - para ser lido "tão-somente" pelos filhos, netos e bisnetos. Posteriormente, *a pedidos*, foram ampliadas e publicadas. Desculpa-se a autora: "Se caí na armadilha da ' vaidade', pelo menos encontrarão nelas a imagem da vida de uma jovem no início do século XX".

O livro possui portanto um duplo interesse, tanto pelas informações nele contidas como pelo fato de o registro ter sido escrito por uma mulher. Vale ressaltar que, se comparados com os dos homens, poucos são os testemunhos escritos por mulheres brasileiras e mais raros ainda aqueles publicados, o que torna estes *Elos* uma fonte importante para os estudos sobre a vida privada, as relações de gênero, a história da educação e da urbanização de São Paulo, na virada do século.

Dentre as lembranças relatadas, talvez aquelas que mais tenham nos chamado a atenção, pelas reflexões que suscitam, sejam as referentes ao significado, à importância e à qualidade da educação dada às mulheres de elite

Conta a autora que, quando menina, ao invés de ir para uma escola particular e religiosa, atravessava a cidade de São Paulo, de bonde, para estudar numa escola pública considerada de excelente qualidade, a Escola Modelo Maria José, no Bairro do Bixiga, cuja diretora era amiga de sua mãe e onde Marieta, sua meia-irmã, era professora. Mais tarde, em 1907, seguindo ainda a orientação materna, que dizia que o diploma "é uma riqueza que ninguém tira", formou-se professora pela Escola Complementar Caetano de Campos.

As aulas de inglês e francês em casa eram sempre levadas a sério e ministradas por professoras competentes. As aulas de inglês aconteciam três vezes por semana, às sete horas da manhã e a professora de francês ensinava "verbos de trás para diante, de diante para trás, frases com tempos difíceis", as fábulas, o compêndio de literatura francesa de René Doumic, fornecendo assim um sólido conhecimento da língua, que possibilitou a dona Laura ler autores franceses no original.

Verificando-se os nomes de alguns dos professores e professoras de piano e o de escultura contratados para dar aulas à família, constata-

ta-se que eram os melhores de São Paulo e que algumas das alunas tornaram-se profissionais reconhecidas. Paulo Tagliaferro e Antonieta Rudge ensinaram piano para Marieta e Laura, respectivamente; Amélia Oliveira teve o mesmo professor de escultura que Tarsila.

Será que por detrás desta educação, inclusive das prendas domésticas e das artes ditas de salão - aparentemente superficiais, entendidas por alguns autores como tendo a finalidade, apenas, de tornar as moças companhia mais agradável e atraente em ocasiões sociais - não haveria o desejo da família, embora nem sempre explícito, de fornecer uma profissão para as mulheres? O número de parentas e conhecidas rememoradas que enfrentaram os revezes da vida - perda de fortuna, orfandade, viuvez, separação - e sustentaram filhos, pais e irmãos como professoras primárias, donas de escola, costureiras e doceiras é significativo.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar que, a exemplo de outros memorialistas, dona Laura não deixa de acertar algumas contas, de fazer algum gossip. Estes comentários, aparentemente ingênuos, acabam por fornecer um rico material para análise da sociedade brasileira do período.

Contrariando o senso comum de alguns jornalistas que afirmam que a Avenida Paulista

era um reduto da elite cafeeira, afirma: "conheci a Avenida quase despovoada... daí me dar muita aflição vê-la em várias crônicas atuais com o título de 'Avenida dos Barões de Café'". Para provar o seu ponto de vista, faz uma relação das famílias estrangeiras que lá construíram suas casas... Noutro trecho: "Em frente, morava o seu Noné; sabem quem é? O Oswald de Andrade... Era um menino como nós, e não sei porque o chamavam assim. A mãe dele era imensamente gorda e contam que um dia entrou na banheira para tomar banho e ficou presa, sem poder sair; foi preciso arrombar a porta e puxá-la com veemência". Sobre Mário de Andrade: "rapazinho feioso e acaiprado... Naquele tempo o chamávamos de macacão"; e sobre Ana de Assis, mulher de Euclides da Cunha: "gorda, parecendo pouco faceira, filhos endemoniados. Quando, mais velha, soube da tragédia que os envolveu, fiquei pasma; pois então aquela senhora tão sem graça fôra o pivot de um crime passional?".

MARIA LUCIA DE BARROS MOTT ■

MARIA LUÍSA ALBIERO VAZ ■

## Negras e brancas em dados

### Rio de Janeiro Plural - um guia para políticas sociais por gênero e raça.

AGUIAR, Neuma.

Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos/Iuperj, 1994.

O livro *Rio de Janeiro Plural - um guia para políticas sociais por gênero e raça* da socióloga Neuma Aguiar divulga um conjunto significativo de informações sobre a situação sócio-econômica das mulheres fluminenses, num corte pioneiro com a questão racial.

A literatura mundial ao longo destes últimos 25 anos sobre o tema Mulher foi fruto da rebelião jovem que nos anos 60 sacudiu o mundo e tirou da letargia o movimento de mulheres na Europa e nos Estados Unidos. As reivindicações pelo reconhecimento de que somos diferentes mas iguais atingiram como ondas sucessivas todos os recantos do planeta. O Brasil vivia naquele período seus anos de chumbo e só no

bojo do Ano Internacional da Mulher promovido pela ONU em 1975 foi possível às mulheres brasileiras refazerem suas organizações e colocar suas demandas sociais no cenário político nacional. A emergência do movimento feminista foi assim um importante marco para a existência de estudos sobre o papel da mulher na sociedade. Em 1978 Neuma Aguiar, numa iniciativa pioneira, coordenou no Iuperj um seminário sobre A Mulher na Força de Trabalho na América Latina, que reuniu pesquisadores (as) de todo o continente em um debate teórico e metodológico sobre o trabalho feminino e seu papel na libertação feminina. Os anos 1980 trouxeram como novidade a organização do movimento negro no Brasil, como um pujante movimento social. Desta forma, tem havido na academia um esforço na busca de traduzir as reivindicações feministas e dos negros pela construção de uma cidadania plena e de iguais. Esta preocupação tem norteado estudos e pesquisas, nos quais as informações são agregadas como suporte teórico das demandas sociais destes grupos na